

jeitos rearticulam os discursos que pretendem conformá-los, ou seja, como estes sujeitos ressignificam e negociam estes discursos em sua vida cotidiana. Assim, por exemplo, quando as mulheres passam a ser admitidas no Seminário Evangélico de Formação de Professores, a autora mostra como esta mudança está ligada a interesses particulares e localizados e mantém inalterados os discursos que regulam a identidade docente. Embora concorde com ela e considere sua conclusão precisa e coerente com seu referencial teórico, minha questão é: quais são as instabilidades, interferências ou ruídos gerados nos discursos produtores de regulação e disciplina produzidos pela simples presença de corpos femininos neste Seminário? Mais especificamente, como estas mulheres negociam sua presença e que rearticulações são necessárias a partir destas negociações?

Minha indagação origina-se no fato de que há momentos, nas análises baseadas em Foucault (algo que não é, obviamente, exclusivo desta concepção), em que os discursos parecem criar posições às quais os sujeitos aderem sem que haja qualquer conflito. Com esta discussão não tenho nenhuma intenção de propor um recentramento do sujeito autônomo do Iluminismo; a grande contribuição de Foucault é exatamente o descentramento deste sujeito. Com Stuart Hall, autor que provê parte central dos argumentos do livro em discussão, quero, no entanto, afirmar que “uma vez que o descentramento do sujeito não é a destruição do sujeito e que o ‘centramento’ da prática discursiva não funciona sem a constituição dos sujeitos, o trabalho teórico não se realiza por completo sem que se complemente a consideração para com a regulação disciplinar e discursiva com uma consideração para com as práticas de

autoconstituição subjetiva¹. Nesta autoconstituição não há somente “docilidade” e “conformação”; uma pergunta relevante é como os indivíduos produzem e desempenham suas posições de sujeito dos discursos.

Sem dúvida é pedir demais a Dagmar Meyer que trate em detalhe ainda mais esta questão, depois de todas as inúmeras contribuições oferecidas por ela em seu livro – Stuart Hall admite ser esta uma das fronteiras ainda muito pouco exploradas pelas/os pesquisadoras/es das ciências humanas. Estas são indagações que, no entanto, só poderiam ter-se originado na leitura de um trabalho competente e instigante que provocou, em mim – bem como deverá provocar em todas/os aquelas/es que estudam as questões da cultura –, o desejo de explorar mais possibilidades, de pensar como rupturas internas aos discursos disciplinares acabam por gerar novas articulações. É isto que se espera de um estudo que não apenas reproduz o uso de conceitos, mas os explora e os faz entrar em movimento dentro da análise do objeto de estudo. Isto é algo que certamente o trabalho de Dagmar Meyer tem a oferecer.

Luís Armando Gandin

Professor da Faculdade de Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Doutorando na University of
Wisconsin, Madison, USA.

¹ Stuart Hall e Paul Du Gay. *Questions of Cultural Identity*, Sage, London, 1998, p. 13, em minha tradução.

LEMME, Paschoal. *Memórias 5: estudos de educação e destaques da correspondência*. Organizado por Jader de Medeiros Britto. Brasília: INEP, 2000.

Analisando-se os quatro primeiros volumes de *Memórias* editados anteriormente,¹ observa-se que, nos dois primeiros, predomina um caráter “memorialístico” da trajetória pessoal e profissional do educador, enquanto o terceiro e o quarto volumes apresentam estudos de sua autoria, já divulgados em outros momentos. *Memórias 5* reúne estas duas características.

Os trabalhos que integram este quinto volume das *Memórias*, de Paschoal Lemme, abrangem o período que vai do final dos anos de 1930 a 1960, com exceção de algumas cartas e da introdução. Inicia-se com o prefácio de Alberto Venâncio Filho, da Academia Brasileira de Letras, seguido da apresentação do organizador e da introdução do próprio autor, na qual este delineia o quadro das tensões ideológicas por ocasião da II Guerra Mundial e suas repercussões no Brasil durante o Estado Novo, bem como algumas questões que vão se refletir na educação e no ensino brasileiro, no período.

¹ Vol. 1 *Memórias*: infância, adolescência, sociedade; Vol. 2. *Memórias*: vida de família, formação profissional, opção política; Vol. 3 *Memórias*: Reflexões e estudos sobre problemas da educação e ensino; perfis: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Heloísa Alberto Torres, Humberto Mauro, Souza Silveira; Vol. 4 *Memórias*: estudos e reflexões sobre o problema da educação e ensino; participação em conferências e congressos nacionais e internacionais, documentos. Os quatro volumes foram editados por Cortez e INEP, os três primeiros, em 1998 e o quarto, em 1993.

A primeira parte contém a monografia “Educação supletiva/Educação de adultos”, apresentada por Paschoal Lemme, em 1938, como requisito ao concurso para Técnico de Educação do então Ministério de Educação e Saúde. O texto apresenta caráter relevante e ainda atual, tanto pela pertinência das idéias e conceitos trabalhados sobre educação de adultos, como por oferecer subsídios para se conhecer melhor sua experiência nos “Cursos de Continuação, Aperfeiçoamento e Oportunidade”, desenvolvida no Distrito Federal, nos anos de 1930.

Neste estudo, Paschoal Lemme explicita sua concepção de educação e de educação de adultos, escrevendo: “Educação, no sentido mais lato, compreende todas as formas de modificação do comportamento humano” [...], e acrescenta: “O homem, individualmente, educa-se permanentemente [...] e continua a se educar ininterruptamente” (p. 49). Mais adiante, assinala: “Apesar de todos os esforços realizados, tem que se reconhecer que, no conjunto das influências educativas a que os indivíduos estão submetidos, a parte que cabe às organizações escolares sistemáticas não é preponderante, podendo considerar-se mesmo bem pouco significativa em meios como o nosso, em face de enormes deficiências quantitativas e qualitativas que apresentam” (p. 51).

Logo a seguir, numa visão contextualizada de educação de adultos, registra: “É na necessidade de preparar rapidamente os indivíduos para atuarem com eficiência nessas novas condições de vida social, que se complicava progressivamente, que vamos encontrar os cursos e instituições especialmente destinadas à educação de indivíduos e adultos” (p. 58). Para Paschoal Lemme, a educação de adultos é “uma educação escolar para os indivíduos que atingiram a maturidade, [com o objetivo] de lhes dar os ins-

trumentos considerados necessários para o desempenho de sua atividade social no sentido mais amplo”, ou para “corrigir essa ação escolar” ou, ainda, para aqueles “que necessitam adquirir técnicas elementares, continuar seu aprendizado ou se aperfeiçoar em qualquer forma de atividade” (p. 51 e 52).

A parte segunda desse quinto volume das *Memórias* reúne textos em defesa da escola pública, escritos entre 1959 e 1960, durante a tramitação, no Congresso Nacional, do anteprojeto da primeira lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nesse período, Paschoal Lemme e outros educadores – Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes – lutam em defesa da escola pública. Como se pode perceber na correspondência com Fernando de Azevedo, reproduzida neste volume, Paschoal Lemme não é apenas um dos signatários do manifesto *Mais uma vez convocados*, lançado em 1959, mas também um de seus articuladores.

Nessa segunda parte do livro, insere-se a republicação do texto “Alguns princípios de uma educação verdadeiramente democrática”, apresentado à direção da Federação Internacional Sindical do Ensino, por solicitação dessa entidade. Nesse trabalho, o autor, de forma enfática, assinala: “O princípio fundamental de uma educação verdadeiramente democrática continua sendo o da igualdade de oportunidade para todos, isto é o da possibilidade de acesso de todos, a todos os aspectos e níveis da educação, da instrução e da cultura. [...] Isso significa que a educação, a instrução e a cultura devem estar ao alcance de todos sem qualquer restrição de ordem econômica, religiosa, ou qualquer outra” (p.155-156). Mais adiante, complementa: “A democratização da educação assim concebida é, pois, um processo que se define, em cada mo-

mento e em dada situação concreta, pela luta que estiver travando em direção àquele limite ideal da *igualdade de oportunidade para todos*” (p.157).

A terceira parte desse volume apresenta destaques da correspondência entre Paschoal Lemme e Fernando de Azevedo. Segundo Britto,² “para esta seleção foi de todo oportuna a entrega de 49 cartas de Fernando de Azevedo, feita ao PROEDES/UFRJ pelo Dr. Alberto Venâncio Filho, que as recebera de Paschoal Lemme. “Na oportunidade, providenciou-se a microfilmagem dessas cartas e, em articulação com o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, que mantém a guarda do arquivo de Fernando de Azevedo, estabeleceu-se o intercâmbio, de modo que o PROEDES recebeu o microfilme de 40 cartas de Paschoal a Fernando de Azevedo e vice-versa”.

Entre essas cartas destaca-se a de 9 de janeiro de 1952 de Paschoal a Fernando de Azevedo, na qual escreve: “Na última carta já lhe afirmara que a referência a ‘sociólogos’ (entre aspas), que entre nós defendem ideologias das classes dominantes, opressoras do povo, e servem a interesses internacionais, não podiam, em hipótese alguma, incluir sua obra. Disse-lhe mais que poderia ter divergências com alguns de seus pontos de vista, em matéria de ciência social, mas isso jamais me levaria, sem grave injustiça ou erro deliberado, inclui-lo entre os sociólogos acima referidos” (p. 225). E acrescenta: “Infelizmente, Dr. Fernando, é praticamente impossível explanar numa carta assuntos sobre os quais, desde as mais remotas eras, escreveram-se toneladas de páginas [...] O problema torna-se, porém relativamente simples,

² Jader de Medeiros Britto, Apresentação. In: Paschoal Lemme, *Memórias* 5, p. 19.

porque sua obra está escrita à disposição de quem quiser julgá-la, e quanto a mim, se quase nada posso apresentar impresso, de minha autoria, desde 1929, vinha tomando conhecimento do marxismo-leninismo (materialismo dialético e materialismo histórico), chegando hoje a considerá-lo como a Filosofia, a Sociologia, a Economia, a Teoria do Conhecimento, capazes de darem uma verdadeira interpretação do universo, e portanto do homem e de sua vida em sociedade" (*idem*). Na mesma carta ainda, Paschoal observa: "Minhas divergências ficam, pois, perfeitamente localizadas: elas existem à medida que sua obra, Dr. Fernando, diverge da interpretação marxista-leninista da vida em sociedade" (*idem*, p.226).

A leitura atenta das cartas trocadas entre os dois educadores nos faz perceber o compromisso e suas posições em relação aos problemas da educação no país. Vale observar, no entanto, o que o próprio Paschoal, registra no volume 2 de suas *Memórias*: "Jamais, porém pensei em me filiar a qualquer partido ou organização de propaganda ou de execução dessas teorias e considerava mesmo, por essa época, o Partido Comunista como individualista, tornavam-me avesso a qualquer tipo de arregimentação, em que a uma entidade de caráter secreto, mis-

terioso, uma espécie de maçonaria e de cuja existência real nem sequer tinha muita certeza. Meu temperamento e formação pequeno-burguesa, obediência e a disciplina estrita foram exigidas. Sempre prezei a discussão livre, a liberdade de pensamento e de ação" (p. 214).

Merece destaque, também, a carta de Paschoal Lemme à professora Zaia Brandão, escrita após a leitura da tese produzida pela mesma sobre ele. Trata-se de um depoimento-síntese de seu itinerário como educador. Por sua vez, a carta enviada a seu filho Antonio César, complementando comentários feitos à dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva no IMS/UERJ, intitulada *Saúde, educação e cidadanias na década de 30*, inclui informações sobre a atuação de Pedro Ernesto como prefeito do Distrito Federal, nos anos de 1930. Esta parte contém, ainda, o aviso do Ministro da Educação, Murilo Hingel, de 22 de outubro de 1993, comunicando ao educador que havia sido agraciado com a medalha do Mérito Educativo, pelos relevantes serviços prestados à educação brasileira, e a carta de agradecimento de Paschoal Lemme.

Pela análise das *Memórias* desse educador e pelos contatos que com ele mantivemos, sobretudo durante os

anos de 1990, quando decidiu doar seu acervo ao PROEDES/UFRJ, constituído de fontes documentais primárias e secundárias de grande relevância para a História da Educação no Brasil e para uma visão da construção do pensamento educacional no país, inclino-me a dizer: se em sua trajetória não encontramos realizações marcantes como administrador ou político da educação, tal qual aparece na história dos chamados "cardeais da educação" – Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho –, pois nunca exerceu nenhum cargo de maior relevância na gestão da educação ou do ensino público, quem o estudar conseqüentemente, pesquisando seus escritos, certamente identificará esse educador como um homem comprometido com a coisa pública, cujo pensamento foi sendo construído ao longo de sua trajetória. Em suas *Memórias* encontramos grande riqueza de informações, dados de sua caminhada pessoal e profissional, apoiada sempre numa premissa básica que norteia suas reflexões e propostas em termos de política educacional: *educação democrática somente numa sociedade democrática*.

Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero
Coordenadora do PROEDES/UFRJ
Professora do Mestrado em Educação da UCP